

Bye bye Nikola

DENIS CAVALCANTE/LIVREIRO

"Faço com meus amigos o que faço com meus livros: guardo-os onde os posso encontrar".

A maioria dos leitores não conhece o personagem da crônica desta semana: o bom Nikola. É um búlgaro que aportou há mais ou menos uma década em Belém. Possui qualidades que poucos têm: é o melhor *luthierãa* cidade (confecciona artesanalmente violinos e violões), além disso, é sem sombra de dúvida um dos melhores enxadristas do pedaço (obviamente quando o Daniel e o Zé Maria deixam). Também conheço poucas pessoas que sorvam um "escocês" como ele. Seu maior defeito: não saber perder. Sua maior virtude-, a amizade.

Todo final de ano, ele vem com a mesma "lengalenga" de sempre: diz que vai embora, vai voltar de vez para a pátria mãe, essas coisas. Aí, dana-se a tirar fotos, filma, resmunga, lamenta, chora, mas, ao final, acaba sempre ficando. Acho, que desta vez, para infelicidade geral da confraria, ele vai mesmo. Comprou passagem só de ida para a Bulgária, vira e mexe pergunta por onde anda o Paulo André. Até deixou de comprar piteiras, suas balas mentoladas de cinco centavos e seu intragável uísque predileto: "Wall Street". Arg! Perdoou os desafetos, coisa que eu jamais o vi fazer.

Há quase uma década, como um relógio suíço, chega ao "boteco" na mesma hora e senta sempre no mesmo lugar. Sua cadeira fica estrategicamente colocada atrás da coluna, longe do ar condicionado e dos olhares curiosos de quem passa pela frente do Cosanostra, sua segunda casa, ou seria a primeira? Cheguei até a sugerir ao Beto que tombe seu canto predileto. Sua oficina no Conservatório Carlos Gomes é um "brinco". Em cima de sua banca, as ferramentas e os apetrechos repousam cuidadosamente arrumados. Sem ele, nunca mais será a mesma. Sua irreverência, sua alegria, suas piadas, suas conversas, de certo farão muita falta.

Se tivesse o dom de fazer voltar as coisas, se tivesse um gênio da lâmpada, quem sabe uma máquina do tempo, reverteria esse fatídico final de 2002 para meados de 1992, quando eu o conheci. Se soubesse que desta vez ele iria mesmo embora, teria "encarnado" nele menos vezes, deixaria até ele ganhar mais vezes no "desconfio", jogo que eu mesmo fiz questão de ensinar-lhe e que ele tão sobejamente aprendeu. Vai fazer falta o nosso Nikola. E como! Foi ele também o principal mentor pela difusão do salutar hábito de muitos freqüentadores do lugar: o jogo de xadrez.

Guardo com carinho na lembrança os natais que passamos juntos. A alegria contagiante de sua Malina, sua voz, seus temperos mágicos, sua comida, a companhia... Acabei também por descobrir que o seu "mau humor" era tão-somente uma proteção, por trás de onde se escondia seu coração, imenso, tão grande que nem o medo que tinha das pessoas conseguiu mascarar. Na sua língua, nem e nenhuma outra do mundo existe, exceto na nossa, a palavra saudade. Saudade é intraduzível, e ele, que veio de um país distante e frio, agora sabe, e se ainda não sente logo irá sentir na pele, no coração apertado, o significado dela.

Apesar de tudo, não tenho do que me queixar. Afinal, durante todos esses anos desfrutei da sua amizade. Vai, velho amigo, volta para tuas raízes... Tua cadeira cativa estará no mesmo lugar, sempre a tua espera, o tabuleiro de xadrez, as torradas, o uísque, os amigos... Sbógom! (adeus)

E-mail: denis@amazonline.com.br